

Cardoso resiste, mas admite baixar pacote

143 O ministro da Fazenda, Fernando Henrique Cardoso, fez ontem um pronunciamento que deixou dúvidas sobre sua decisão de não fazer um pacote de medidas econômicas: apesar de continuar afastando formalmente a idéia, o ministro advertiu que não terá constrangimento em agir ao contrário. "Não vou me afastar do que tenho dito. O que não quer dizer que não se possa, diante de certas situações, dizer de novo: olha, pensava assim, mas tive de fazer de outra maneira por tal ou qual razão". Ao falar a governadores na solenidade de renegociação das dívidas estaduais, Fernando Henrique reafirmou a política de enfrentar e combater os especuladores e, para isso, disse contar com total apoio do presidente Itamar Franco, inclusive para aumen-

tar ou baixar juros.

Fernando Henrique alertou aos especuladores de que o Governo saberá lidar com eles, depois de questionar por três vezes porque a inflação tem apresentado índices crescentes. "Por que, se não há nenhum descontrole nas finanças públicas? Alias, temos informações de que a inflação apresenta tendência de estabilização e declínio". Para ele, quem apostar na inflação "vai perder o jogo". Fernando Henrique afirmou que o presidente Itamar Franco "é o senhor da situação" e não se aflige se precisar de mais tempo para fazer o ajuste das contas públicas, "desde que seja pelo interesse público".

O ministro voltou a dizer que não aceita pressões "eleitoreiras" para adotar um pacote econômico

"daqueles que duram apenas um mês". Ao seu lado, o governador de Goiás, Íris Rezende do PMDB, e alinhado ao governador de São Paulo, Luís Antônio Fleury, deu um sorriso constrangido, mas não fez qualquer comentário. Fernando Henrique reafirmou que sua equipe continua decidida a fazer um ajuste fiscal para derrubar a inflação de forma definitiva. "Estamos chegando a uma situação em que as populações pobres chegaram ao seu limite". Lamentou que as pessoas que remarcam preços não se importem com o que acontece com quem mal consegue sobreviver. Conforme sua expressão, os especuladores não só aumentam a espiral inflacionária, mas "a espiral das angústias e ansiedades, que resultam em ganhos para uns e prejuízo para a maioria".

Acácio Pinheiro



Ministro diz que pode "agir ao contrário" do que tem afirmado

Redutor é negociado com empresas

144 O ministro da Fazenda, Fernando Henrique Cardoso, disse ontem que o Governo poderá adotar um redutor para a correção de tarifas públicas, desde que os empresários também estejam dispostos a adotar o mesmo esquema para seus preços. Fernando Henrique explicou que o redutor deverá fazer parte de um esforço espontâneo do empresariado. "Se esse esforço for para baixar preços, acho ótimo. O Governo está confiante de que o Brasil vai se resolver pelo esforço de decisão dos agentes econômicos", pontificou.

Fernando Henrique fez questão de deixar claro que o Governo não irá tomar medidas impositivas para resolver a questão dos preços e tari-

fas públicas. "Eu já disse que a nossa política é de respeito ao mercado. A imposição não é o caminho", afirmou. A idéia do redutor foi anunciada pelo ministro da Indústria e do Comércio, José Eduardo Andrade Vieira, como uma forma de dissipar expectativas inflacionárias. Ele também assegurou ontem que o Governo não fará nada unilateralmente.

Vieira esclareceu que o Governo ainda não tomou uma decisão sobre a aplicação do redutor. "O ministro Fernando Henrique Cardoso me pediu para iniciar a discussão desse assunto junto aos empresários", informou. Segundo ele, o redutor já está sendo debatido com os setores automotivo e

agroindustrial.

O redutor funcionaria a exemplo do que vem sendo praticado em relação aos salários, desde o início de agosto. Segundo Vieira, a utilização do redutor só teria sentido se fosse adotada ao mesmo tempo para preços e tarifas públicas.

O ministro da Indústria e do Comércio explicou que a medida teria condições de funcionar a partir de outubro, quando o Governo deverá ter concluído o processo de alinhamento das tarifas públicas. As últimas tarifas a se alinharem serão as de telecomunicações e de energia elétrica, que ainda terão no próximo mês um aumento de 8,75% acima da inflação.

Fiesp acha que "a idéia é boa"

145 São Paulo — O presidente em exercício da Federação das Indústrias do Estado de São Paulo (Fiesp), Max Schrappe, apóia a proposta do Governo de introduzir um redutor de preços de forma negociada para combater a inflação. "A idéia é boa, mas as empresas só podem dar o que têm". Segundo informou, apenas os setores oligopolizados estão em condições de abrir mão de parte dos lucros. Para Schrappe, as grandes empresas, se acatarem o pedido das autoridades, baixarão os preços às custas do sacrifício de seus fornecedores.

A fórmula já foi adotada antes com algum sucesso em governos anteriores, lembra o presidente da Associação Brasileira da Indústria de Materiais Plásticos, Celso Hahne. Mas isso aconteceu num quadro

de conjuntura favorável, lembra. "Agora, a indústria trabalha com capacidade ociosa elevada e com margens de lucro comprimidas". Hahne aconselha o Governo a procurar antes as centrais petroquímicas, fornecedores das indústrias de transformação, a quem impõe prazos curtos de pagamento e taxas de juros de 40% ao mês.

O vice-presidente da Associação Nacional dos fabricantes de Papel e Celulose, Boris Tabacof, acha que empresários e Governo devem recorrer à criatividade para quebrar a inércia da indexação. "Não é possível conter preços sem eliminar a indexação da economia". Tabacof acredita que a alternativa é a mesa de negociações com a participação de representantes de todos os segmentos da economia.

Comércio prevê muita dificuldade

146 São Paulo — Para o presidente da Federação do Comércio de São Paulo, Abram Szajman, será muito difícil uma negociação em torno da proposta de redutor de preços. "Só conheço um redutor de preços, a diminuição dos custos. Sem isso qualquer medida é jogar um problema para o futuro", comentou. Ele acha que a margem de lucro das empresas atualmente é muito pequena para permitir esse tipo de negociação.

Segundo Szajman, talvez o governo tenha algum sucesso na negociação com os setores oligopolizados, que conseguiram impor seus preços mesmo com a recessão. No

entanto, onde a concorrência existe não há muito como adotar esse tipo de medida. "No setor público há transferência de recursos, mesmo que isso represente aumento do déficit. Mas na área privada quem vai pagar a conta do prejuízo?"

O comércio, salientou Szajman, depende dos fornecedores para reduzir seus preços. "A margem com que se trabalha em algumas áreas, como eletrodomésticos, chega a ser de 1% para permitir o giro do estoque. Só será possível aplicar um redutor repassando a redução de preços dos fabricantes", afirmou.

sem saber o que eles pretendem". Para Longo, se a intenção é adotar o reajuste das tarifas públicas como sinalizador para outros preços, não atingirá seu objetivo.

"Isso já foi tentado pelo Delim, pelo Dornelles e até pelo próprio Itamar e não deu certo". Segundo ele, as tarifas acumulariam perdas muito grandes que mais tarde teriam de ser recuperadas. "Além disso, é preciso uma política de ajuste fiscal que desse maior credibilidade ao Governo".

Boato e imprensa irritam ministro

147 As especulações sobre um plano econômico e o assédio da imprensa começam a afetar os nervos do ministro Fernando Henrique Cardoso. O ministro sempre foi cordial no trato com a imprensa, mas começa a dar sinais de exaustão e irritabilidade quando seus passos na vida privada passam a ser confundidos com articulações no campo econômico. Ontem, pela primeira vez, Fernando Henrique fez uma série de críticas ao cerco que vem sofrendo e assegurou que jamais divulgará medidas importantes de combate à inflação à noite, ou durante um final de semana.

"Não precisa me fotografar quando vou ao cinema com minha mulher. Só não faço isso com mais frequência porque trabalho muito", desabafou.

Uma das queixas se deve a um domingo tumultuado em Brasília, quando o ministro ficou na cidade e, ao sair de casa para ir ao cinema, descobriu um grande número de jornalistas à sua espera. Ontem, um novo episódio incomodou o ministro. Ao resolver passar o dia no Rio, visitando as netas, Fernando Henrique constatou que os boatos cresciam hora após hora.

"Basta o ministro da Fazenda visitar as netas para que imaginem que haverá pacote. Assim não dá", reclamou.

O ministro também brincou com as informações que a imprensa credita a ele. Disse que seu psicanalista "deve estar contando muita coisa", já que ele prefere manter a discrição quanto ao plano de estabilização em estudo pela equipe econômica.